

Confissão é tentativa de evitar pedido de cassação

Davi Zocoli

MAURÍCIO LIMA E GUSTAVO KRIEGER

BRASÍLIA – À primeira vista, o discurso feito ontem no Congresso pelo senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) poderia ser interpretado como um suicídio político. Mas a confissão, feita em tom emocional, obedece a uma estratégia de iniciar uma “operação abafa”, composta por duas etapas.

A primeira é salvar Arruda e Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) de uma possível cassação. Nos círculos mais próximos ao senador, acredita-se que o tucano conseguiu ontem sensibilizar os colegas de Senado e afastar o fantasma da perda de mandato. “Já não é mais caso para cassação”, defendia o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio.

A segunda etapa é uma tentativa desesperada de fazer algo que ninguém conseguiu até agora: uma trégua na base aliada. No discurso, Arruda poupa o senador ACM ao dizer que ele não pediu a lista de quem votou contra ou a favor no processo de cassação de Luiz Estevão. Arruda frisa que o senador pergunta se é possível saber quem votou contra ou a favor. De acordo com essa estratégia, Arruda livra ACM do perigo e este, por sua vez, arrefeceria o ímpeto na cruzada contra o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA).

Mas o sucesso dessa estratégia é visto com reservas pela oposição. O senador Roberto Saturnino Braga (PSB-RJ), relator do processo que investiga a violação do voto secreto, afirma: “A confissão restaura a dignidade do senador, mas não temos compromisso com o abrandamento da pena”. Jefferson Perez (PDT-AM) é mais duro: “Na realidade, é um agravante, porque o revela co-autor do crime, do qual deve ser responsabilizado”.

O discurso de Arruda foi calculado nos mínimos detalhes. Ele escreveu as 36 páginas de próprio punho na noite de domingo. Recusou de maneira veemente que o texto fosse digitado num computador. Queria dar a impressão de algo feito com emoção. Doze pessoas –entre amigos, três advogados e a família– escutaram o senador repetir o conteúdo de sua fala por duas vezes na casa de um amigo de Arruda no Lago Sul, bairro nobre de Brasília. Enquanto o senador discursava, a platéia sugeria mudanças no texto. Um deles, o advogado Cláudio Fruet, deu orientações explícitas para que Arruda não incluísse a palavra mentira no discurso que faria no Senado. Atendendo ao advogado, Arruda riscou também a palavra erro do texto original. Substituiu-a por “equivoco”.

Fruet foi uma das pessoas decisivas para que Arruda confessasse sua participação no episódio de violação do painel do Senado. Ao saber que o assessor do tucano, Domingos Lamoglia, iria contar a verdade no seu depoimento de ontem na Corregedoria do Senado, Fruet orientou Arruda a reconhecer a participação no episódio. Os filhos do senador, Bruna e Fernando, também tiveram uma participação decisiva. Eles pediram que o pai assumisse a verdade. Em uma conversa tensa, Fernando lembrou ao pai ter testemunhado o encontro dele com Regina, no qual foi decidida a violação do painel. O rapaz, que é músico, estava ensaian-



O deputado Arthur Virgílio Neto (PSDB-AM), líder do governo na Câmara

do em casa e abriu a porta para a ex-diretora do Prodasen.

No governo, a pressão contra Arruda foi grande. Desde a última sexta-feira, setores do PSDB faziam força para que confessasse. Representantes do partido em São Paulo defendiam abertamente a exclusão de Arruda, caso ele não assumisse sua participação.

No discurso ontem, o senador disse que recebeu telefonemas de colegas que o orientaram a tomar essa decisão. O raciocínio é de que a confissão vai atenuar sua situação, dentro da lógica de que deve reduzir a pena do acusado. O senador teria aberto caminho para ser suspenso e não mais cassado.

O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, foi um dos que mais conversaram com Arruda durante o tempo em que ele esteve recluso. Pimenta telefonou ontem para o senador e esteve com ele durante uma hora pela manhã, orientando sobre o que deve-

ria dizer durante a sua fala. O ministro Aloysio Nunes Ferreira (Secretaria-Geral da Presidência) foi um dos que monitoraram a situação durante todo o tempo. A cada cinco minutos, ligava para o deputado Arthur Virgílio perguntando como estava sendo a reação ao discurso.

No almoço de ontem, pouco antes de ir para o Senado, o senador tucano ensaiou pela terceira vez o discurso que faria. Nervoso, comeu em pé um prato de sua comida favorita: peito de frango, salada, arroz e feijão. Pela primeira vez em muito tempo, pediu de sobremesa um pudim de leite. Depois do discurso, desabafou com o deputado Arthur Virgílio: “Estava o tempo todo tentando me safar. Resolvi mudar de estratégia. Prefiro dormir em paz com minha consciência”.